

Documentário sobre populações de Belo Monte traduz denúncias do MPF

Longa foi exibido no Festival Internacional de Audiovisual Ambiental

Por Carolina Vaz (7º período 2013/1)



— Cena de Os Invisíveis de Belo Monte. Imagem: arteseartesmjfortuna.blogspot.com

Ainda há pessoas no Brasil que vivem quase completamente da natureza: nela moram, dela pescam, caçam e locomovem-se pelos rios. Muitas dessas pessoas vivem na Amazônia, na região de Volta Grande do Xingu, no Pará. Mas, para essas, tal modo de vida tem curto prazo. É o que prova o documentário "Os Invisíveis de Belo Monte", exibido no Festival Internacional de Audiovisual Ambiental ([Filmambiente](#)) ocorrido final de agosto, no Rio de Janeiro.

O longa-metragem traz o cenário de uma região em que a sabedoria popular entra em conflito com os grandes planos de empresas e órgãos públicos para o norte do país, com a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. O empreendimento é realizado pela construtora Norte Energia, que foi autorizada pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) e tem 80% da sua construção financiada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

No documentário, muitos dos entrevistados são agricultores, ribeirinhos e indígenas que simplesmente não vêem outro modo de vida senão em meio à natureza, onde sabem caçar, colher e pescar. Com sua sabedoria popular, os entrevistados sabem em que parte do rio fica cada peixe, quais são os benefícios de cada alimento da região, e torna-se fácil concluir que, assim que o rio diminuir, tudo em volta vai morrer, além de tornar impossível o acesso a muitos lugares, que hoje só acontece pelo rio. Adriana, indígena Arara entrevistada no documentário, se preocupa: "Se não tiver o rio como é que a gente vai se alimentar? Acaba o peixe, acaba a caça, acaba tudo", lamentou. Em Volta Grande do Xingu, o rio vai perder 80% da vazão.

As relações políticas em torno da questão envolveram até mesmo o líder indígena Cacique Tucuna, que ordena aos demais indígenas da tribo que aceitem as negociações – ou expulsões – da Norte Energia. Aos que se negam, chamados de "desaldeados" (sem aldeia), o grupo do líder ameaça até mesmo a morte. Segundo testemunhas, os indígenas aliados da construtora receberam da Funai comida, materiais de construção, petróleo e outros bem materiais úteis para a vida em cidade.

O filme foca nas histórias das pessoas que têm sido afetadas pelas ameaças e pressões da construtora e seus aliados. Segundos os depoimentos, a Norte Energia força ribeirinhos, inclusive iletrados, a assinarem acordos para deixarem a terra. O Ibama chegou a proibir ribeirinhos de usar cipó para fazer artesanato, dificultando sua permanência.



— Magnolia de Oliveira milita contra os abusos de Belo Monte. Foto: Carolina Vaz

Pressões políticas

"Os Invisíveis de Belo Monte" é uma produção francesa de 2012, de François-Xavier Pelletier e Magnolia de Oliveira. Magnolia esteve na sessão de exibição do filme, e contou que, por conta das relações políticas, foi uma produção arriscada. Os representantes de empresas envolvidas na construção de Belo Monte – e também na mineração que vai acontecer na região – procuravam saber onde a equipe

de filmagem se encontrava, para convencer as pessoas do local a não darem entrevista. Prova dessa hostilidade é uma cena do filme na qual a equipe tenta entrar numa reunião de negociação entre os índios, a Funai e a Norte Energia, e é impedida e inclusive ameaçada. Até hoje, Magnolia continua na região, atuando junto a outras organizações que conscientizam e dão segurança às pessoas ameaçadas.

Histórico de denúncias

Segundo Magnolia, a Volta Grande do Xingu sempre foi uma região de proteção ambiental, até haver as negociações entre Ibama e Norte Energia. "Tudo isso aí [a região], o Ibama protegia, era intocável há 30 anos. Era uma das maiores reservas da Amazônia", disse, completando que a região é um berçário de reprodução de espécies.

Contra irregularidades na construção de Belo Monte, o Ministério Público Federal já moveu 19 ações judiciais. Em uma das mais recentes, [pediam a suspensão da Licença de Instalação da usina](#) uma vez que a empresa Norte Energia não apresentou conclusões sobre os impactos e compensações à população indígena Xikrin da região do rio Bacajá, o qual desagua no trecho Volta Grande do Xingu. Belo Monte tem sua construção garantida por uma Licença Prévia da Funai, que determinou a realização de estudos sobre os impactos aos Xikrin. Mas os estudos divulgados pela empresa não apresentavam essas respostas.

Após perder 80% da vazão do rio, Volta Grande do Xingu será dedicada ao garimpo, atividade que também já [levanta suspeitas](#). Recentemente, o Ministério Público Federal descobriu que a empresa canadense Belo Sun, que fará a mineração da região, anuncia aos acionistas que será possível extrair o dobro da quantidade de ouro que declarou nos Estudos de Impacto Ambiental. Soma-se a isso o fato de não ter havido até agora nenhum estudo sobre o impacto da mineração nas populações Arara e Juruna.

Filmambiente

O Festival Internacional do Audiovisual Ambiental teve sua terceira edição entre os dias 30 de agosto e 5 de setembro, no Rio de Janeiro. Os filmes e debates se dividiram entre quatro espaços: Espaço Itaú de Cinema; Museu do Meio Ambiente; Instituto Moreira Salles; e Instituto Italiano de Cultura. Ainda houve exibições especiais na Nave do Conhecimento, que fica no Parque Ecológico de Madureira, e também na Arena Chacrinha, em Pedra de Guaratiba. Confira a cobertura e os resultados da competição [no site](#).

Mais:

- [Arquitetura da destruição](#), reportagem da Ag. Pública.
- Veja o [site](#) do documentário Os Invisíveis de Belo Monte (em francês)
- Assista ao [trailer](#) de Os Invisíveis de Belo Monte (em francês).